

ARMANDO DA SILVA | CALDAS CORDEIRO

A RAINHA SANTA (D. ISABEL DE ARAGÃO)

Romance histórico

Ilustrações

CONCEIÇÃO SILVA E DR. VALLE E SOUSA





CAPÍTULO I

A vingança

ELAS nove horas de uma noite de fevereiro do ano de 1294, oito cavaleiros seguiam pela estrada à beira do Tejo que conduzia à parte oriental de Lisboa. O vento soprava rijamente, agitando com força as grandes árvores que ladeavam o caminho. Grossas nuvens brancas acumulavam-se no céu; mas a lua, apesar disso, conseguia alumiar com a sua luz pálida a estrada por onde cavalgavam os oito indivíduos.

Dois destes vinham um pouco distanciados dos outros e absorvidos numa animada conversa. Um era um homem ainda novo, de trinta anos, quando muito, rosto trigueiro, barba e cabelos pretos, beiços grossos e uns olhos chamejantes, como indicando os sentimentos rancorosos de que vinha possuído. O outro era um velho que teria mais de sessenta anos, os cabelos e os pelos do rosto completamente brancos.

- Sr. D. Rui Mendes, disse este último para o mais novo, lembro-vos mais uma vez os perigos que ides correr e as vinganças terríveis que ides provocar. Estamos ainda a tempo, meu senhor, poderemos voltar para o castelo.

- Não, não; é impossível, respondeu Rui. É tarde. Jurei vingar-me, planeei para hoje essa vingança e agora, quando só faltam apenas momentos para a ver realizada, haveria de recuar? Essa ideia não parece tua, meu bom Gonçalo. Foste o meu aio, educa-te-me desde criança, deves pois saber que não conheço o medo.

- Podeis desconhecer o medo, mas conheceis a prudência, meu senhor. Não me obrigueis a repetir-vos o que vos tenho dito há mais de uma hora. Deus é testemunha de que se vos acompanhei foi com a esperança de que os meus conselhos tão razoáveis vos demoveriam do vosso arriscado intento. Agora, porém, meu senhor, começo a perder a esperança...

- Devias tê-la perdido quando te disse ser inútil acompanhares-me, pois nada conseguirias.

- Bem, realizai o vosso intento; e como dentro de alguns dias tereis de homiziar-vos, lá irei eu com os meus sessenta e dois anos experimentar pela primeira vez os albergues de Castela ou de Aragão, se é que aí nos não chega a justiça de D. Dinis.

- Nunca te conheci tão receoso e prudente.

- Ah, meu senhor, tudo o que vos digo é a pensar no vosso bem. Eu, por mim, já nada espero da vida, e só desejo morrer em paz; mas vós, meu senhor, que deveis contar com um brilhante futuro, que tendes diante uma vida de honras e de fausto, que com o tempo haveis de vencer o mau humor do rei, que será o primeiro, quando as lutas internas do reino estiverem apaziguadas, a estender-vos a mão e a elevar-vos às posições a que tendes direito de subir, vós, por uma cólera má conselheira, ides deitar-vos a perder e inutilizar de vez esse futuro brilhante que vos espera.

- Não me iludas mais, meu bom Gonçalo; sabes que eu nasci guerreiro, mas não nasci cortesão. Ora o que querias era que eu calasse todos os insultos e todas as espoliações, que devo a D. Dinis, que esperasse que a cólera do rei se abrandasse ou que chegasse a sua justiça tardia, e então beijasse submisso a mão que me tem ferido, e, humilde, curvado ante a sua régia onipotência, fosse mendigar mercês às portas dos paços de Lisboa, de Santarém, de Leiria ou de Coimbra.

- Digo-vos, meu senhor, que, embora tendo sido educado por este vosso servo, pareceis mais um desses casuístas doutorados em Bolonha ou em Pisa do que um discípulo de Gonçalo Fernandes. A vossa teimosia encontra respostas para tudo. Vejo que quereis perder-vos sem remissão.

- Perder-me! Perder-me! Eis as palavras que saem da tua boca. Parece-me que vingar-me de um infame judeu que me roubou, apoderando-me da filha, essa judia enfeitadora que me tratou com tanto desdém, não é agora um crime que mereça força. Todos os dias, homens muito menos fidalgos do que eu se apoderaram de mulheres e lhes fazem todas as violências, sem que por isso sejam castigados.

- Desculpai que vos diga: não pensais o que acabais de dizer. São razões para vós mesmo vos iludirdes e não para mim, meu senhor. Ao judeu e à judia, que os leve o diabo a ambos, e, se antes de Satanás os levar, vós lhes quisésseis arrancar a pele, bem me importava a mim com isso! Mas é que a vossa vingança toca no rei, que tanto tem protegido o maldito velho, e que tomará a ofensa como feita a ele. Livrai-vos da cólera do rei! Se ele vos põe mão...

- Pois seja! Adivinhaste-me, Gonçalo. O ódio que me devora não é só contra os dois miseráveis hereges; vai mais alto, vai até ao rei. Odeio D. Dinis! Ah, meu Gonçalo, nem tu sabes como eu o odeio! Odeio-o, porque me roubou o que era meu, doado pelo seu pai ao meu pai, para o dar ao infame mercante! Odeio-o porque me não tem poupado humilhações, despojando-me de quase todos os direitos de senhor que exercia nas minhas terras por direito tradicional, em proveito da coroa, dos burgueses e até do povo! E achas que não o devo odiar? Hoje sacio parte do meu ódio. Veremos o que fará esse rei.

- Por respeito para convosco, prefiro calar-me. Além disso, chegámos à cidade.

As casas começavam a aparecer; do lado direito da rua por onde tinham entrado viam-se as colinas de Lisboa, com as suas igrejas, os seus paços, a sua casaria, onde, aqui e além, bruxuleava alguma luz mortiça.

Chegaram a um arco, que conduzia a um largo, cercado de pequenas casas baixas. Rui Mendes mandou parar os seus homens. Depois, tendo coberto o rosto com uma máscara preta, entrou no largo, observou as moradas, onde o sossego parecia

ser sepulcral, e, fixando com atenção uma das habitações, voltou para junto dos seus companheiros.

- Meu bom Gonçalo, espera-me aqui com dois dos nossos homens. Basta que sejamos apenas cinco.

Escolheu efetivamente quatro deles e disse-lhes:

- Cubram os rostos com as máscaras. Evitem violências ou derramar sangue. Homens ou mulheres que lhes apareçam, é enlaçá-los com as cordas, amarrá-los bem e deixá-los, que não mais vos poderão fazer dano.

Os cinco cavalgaram até ao Largo de São Silvestre, e, tendo alcançado uma das casas baixas para onde momentos antes D. Rui tinha dirigido os seus olhares investigadores, apearam-se. Um dos homens ficou a segurar os cavalos.

D. Rui e três dos seus companheiros aproximaram-se da habitação. Era uma casa baixa, com quatro pequenas frestas em forma de ferradura, e uma porta estreita, à qual se subia por dois degraus de pedra.

O fidalgo fez acender os archotes e aproximando-se da porta, arrombou-a às machadadas. Entraram todos precipitadamente. A luz amarela dos fachos mostrou-lhes logo no pavimento de entrada os rostos apavorados de duas mulheres e de um homem. Este só teve tempo de proferir um grito rouco, que foi logo abafado pela mordança; depois, amarraram-no.

Das mulheres, a mais velha teve tempo ainda de dar alguns gritos pedindo socorro, mas em poucos momentos teve a sorte do homem.

A mulher mais nova é que tinha achado desnecessário proferir alguma palavra. Parecia que percebera tudo.

Rui Mendes fixou-a durante alguns instantes. Era uma mulher de uns vinte e cinco anos, alta e forte; no seu rosto branco sobressaíam os olhos negros e os lábios vermelhos. A sua formosura radiante produzia um misto de atração, de respeito e de ternura. Rui, arrancando a máscara, disse-lhe com um modo brusco e de escárnio:

- Aqui me tendes, bela desdenhosa. Não vos disse que um dia nos haveríamos de encontrar? Preparai-vos para me acompanhar.

A mulher lançou-lhe um olhar cheio de cólera, de desprezo ou de ódio, e pronunciou a custo, quase abafadamente, estas palavras:

- Sois um digno cavaleiro! Assaltais, como um bandido, a casa de uma pobre mulher, mandais amordaçar os servos que pedem socorro e quereis que a vítima da vossa violência vos siga submissa.

- Senhora, senhora, calai-vos! - exclamou Rui sentindo o sangue subir-lhe às faces. Não venho aqui para discutir convosco. O que tínhamos a dizer já o dissemos em outra ocasião. Venho para cumprir a minha promessa, e hei de cumpri-la! Digo-vos uma vez ainda: quereis seguir-me?

- Só pela força, só arrastada, me levareis de casa de meu pai! Exclamou ela.

- Ah! É a vossa última palavra?

E Rui chamou os seus homens, a quem ordenou:

- Amarrem e amordacem esta mulher. Vamos, depressa, que não temos tempo a perder.

Quando se aproximaram para a enlaçarem, ela deu um grito convulso, e teria caído desamparadamente no chão se a não tivessem sustido.

- Bem, poupa-vos o trabalho de a amordaçar, disse Rui, agarrando a mulher nos seus braços vigorosos. - Agora, a caminho.

Chegados ao largo, montaram, alcançaram os outros companheiros, e Rui, que levava a mulher desmaiada no seu cavalo, deu ordem para baterem à desfilada. Durante alguns minutos ainda se ouviu o ruído da cavalgada tuginho através da noite; pouco a pouco os sons foram-se tornando mais distantes, até que aquela parte da antiga Lisboa tombou de novo no seu costumado silêncio e sossego noturno.



Se Rui, quando saiu da casa do Largo de São Silvestre, tivesse menos pressa de partir, e examinasse, como fez ao começo, as moradias circunvizinhas, teria percebido numa delas, que ficava fronteira à que ele assaltara, uma luz passando e repassando através das diversas frestas e indicando que ali havia

gente que velava e se agitava. Eram as traseiras de uma taberna, célebre naquele tempo por vender um esplêndido vinho da Ameixoeira e por diversas especialidades em petiscos. O seu dono chamava-se Pero Guterres e era sujeito tido e conhecido como homem de boas contas e que soubera fazer prosperar o seu negócio. Na tasca de mestre Guterres juntavam-se indivíduos de todas as classes.

A entrada para a taberna era por uma porta na Rua da Mercê. Pelas dez horas da noite em que esta história começa, mestre Guterres, com a porta da tasca quase cerrada, tentava fazer levantar três homens, que, sem dúvida, entorpecidos pelas continuadas libações do espumoso vinho da Ameixoeira, de que havia ainda grandes vestígios sobre a mesa, principiavam a roncar com uma certa força.

- Ó Braz! - disse ele, dirigindo-se a um indivíduo que assistia de pé e silencioso a toda esta cena. Vê tu também se me ajudas a levantar estes borrachões, que são horas de nos irmos deitar.

- O patrão bem vê que não há meio de os pôr em pé, respondeu Braz, num encolher de ombros resignado.

Mestre Guterres ia a responder, quando um ruído qualquer lhe chamou a atenção. Escutou durante certo tempo e perguntou ao companheiro:

- Não sentes que cavalgam para estes sítios?

- Sinto, sim, senhor.

- Vai depressa fechar a porta e cerrar as frestas, que eu não quero gente a estas horas. São capazes de ser alguns fidalgos que venham aqui fazer tavolagem e teremos de perder a noite a aturá-los.

Braz obedeceu, e, tendo cumprido as ordens, veio dizer:

- Cá fechei tudo, mas olhe que pela rua não vem ninguém.

Guterres, que continuava a escutar e que desta vez ouviu bem distintamente o bater das patas dos cavalos nas pedras da calçada, continuou:

- Só se é pelos lados do largo. Espera-me - disse ele, tirando da parede, onde estava pendurada, uma tosca candeia de azeite -, e se baterem não abras a ninguém, ouviste?

Braz fez com a cabeça um sinal de que entendera, e Guterres levou a candeia por um corredor, colocou-a sobre uma arca, e, chegando-se a uma das frestas, começou a observar o que se passava.

Devia ser com efeito bastante interessante, porque o taberneiro agitava o corpo, levantava os braços, proferia exclamações veementes, enfim, um monólogo no qual a energia das palavras era condignamente acompanhada pela violência dos gestos. O que tanto excitava mestre Guterres era ver que assaltavam a casa do seu vizinho judeu.

Quando viu os homens sair e montarem, o taberneiro abriu cuidadosamente uma pequena porta, e, encostado às paredes, seguiu-os até que eles encontraram os companheiros e partiram à desfilada.

- Ah! Perros, perros! Tivesse eu agora alguém em estado de empunhar as bestas e eu vos diria as setas que vos haviam de chover em cima. Mas não perdem! Terminou Guterres, com uma vaga ameaça, fixando com atenção a estrada por onde Rui Mendes e os seus companheiros fugiam.

Em seguida voltou à taberna, tomou a candeia e dirigiu-se à casa do judeu. Entrou, e, tendo percorrido uma parte das casas, foi encontrar a mulher e o homem que Rui Mendes mandara amarrar e amordaçar. Examinou-os com uns olhares piedosos, e, percebendo que estavam vivos, disse-lhes:

- Esperem, tenham mais um pouco de paciência, que eu e o Braz já os vimos soltar.

Correu à taberna, chamou Braz, tirou de um canto duas enormes facas, e, entregando uma ao criado, disse-lhe:

- Toma esta faca e vem ajudar-me a cortar as cordas com que os infames ladrões amarraram a tia Rita e o pobre João, os servos do nosso vizinho judeu.

Braz seguiu-o sem proferir palavra. Subiram rapidamente à casa onde os dois amordaçados estavam, e, depois de algum trabalho, conseguiram livrá-los. A tia Rita chorava convulsivamente; o infeliz João, esse, parecia que perdera de todo a fala.

- Antes esses bandidos me tivessem morto, senhor Guterres! Como hei de eu aparecer ao meu amo, quando ele chegar da sua viagem, e dizer-lhe que roubaram a menina?!

- Raptaram a menina Sara! - exclamou Guterres. E eu, que julgava que os indivíduos que assaltaram a casa eram ladrões, que vinham ao cheiro do ouro.

- Antes fossem ladrões! Exclamou Rita.

- Sabem, disse Guterres, depois de meditar durante uns momentos, parece-me que ainda alguma coisa se poderá tentar para se saber onde para a menina Sara.

Rita e João chegaram-se a ele e esperaram com interesse.

Guterres, porém, aproximou-se de Braz e disse-lhe:

- Vai aparelhar a égua: mas isso depressa!

O criado saiu a cumprir as ordens. Guterres dirigiu-se então aos servos do judeu:

- Eu vi a estrada por onde seguiram os assaltantes e ainda poderei, empregando, já se vê, todas as cautelas para que não deem comigo, conseguir saber para onde levaram a menina. É isto o importante. Sabendo onde ela está, o vosso patrão poderá pedir justiça ao rei, e os homens de armas de D. Dinis hão de - tenho fé em Deus! - restituí-la ao pai sã e salva.

Rita e João desfizeram-se em palavras de agradecimento.

Braz veio anunciar que a égua estava aparelhada. Guterres tornou à taberna, pôs à cinta um punhal, afivelou as esporas nas botas, carregou sobre a cabeça um enorme chapéu de feltro, embuçou-se numa grande capa de pano roxo, e, tendo montado o animal, partiu.

O taberneiro calculava, e bem, que para os poder ainda alcançar era preciso que a sua égua galopasse a toda a força por alguns minutos. Por isso, ao passo que lhe ferrava os acicates, dirigia-lhe as mais animadoras palavras.



CAPÍTULO XXI

Conclusão

A Igreja tem canonizado outras princesas de Portugal, mas só D. Isabel ficou conhecida pela Rainha Santa. A aura que a acompanhou em vida, que a seguiu depois da morte pelos séculos adiante, veio até nossos dias. Neste ponto, o século XX pouco mais adiantado está do que os séculos XIV, XV e XVI.

Ainda hoje, ou anualmente, ou de dois em dois anos, se realizam em Coimbra pomposas festas, celebrando a memória da Rainha Santa. É o dia 4 de julho o que a Igreja consagra a Santa Isabel.

E agora que chegamos ao fim desta narrativa, concluí-la-emos recordando a figura de D. Isabel e resumindo a impressão que se deve ter da protagonista que encheu estas páginas.

D. Isabel foi incontestavelmente uma santa. Passou a vida a auxiliar os desprotegidos, a socorrer os pobres, a tratar e a consolar os enfermos, semeando o bem-estar e a felicidade. Foi a rainha que mais conviveu com o povo e que mais se aproximou dele. A sua alma afetiva comprazia-se minorando os sofrimentos e as privações da gente humilde e misérrima; D. Isabel tinha palavras de doçura e de conforto para todos os que padeciam, para todos os que dela se aproximavam. Ela poderia ter sido apenas uma devota, exagerando os excessos da devoção com os jejuns e com as penitências, e só pensando em salvar a sua alma, em obter para si o céu, com esse egoísmo muito feroz e muito peculiar em certos crentes fervorosos.

D. Isabel não faz parte deste número. Os seus jejuns, os seus excessos de devoção e as suas penitências não a impediram nunca de exercer a favor dos pobres a sua pródiga caridade. Andava de terra em terra a semear esmolas, a tratar dos doentes, a distribuir alimentos. Nos anos de fome, nas épocas de epidemia, a rainha, na sua cruzada piedosa, mandava abrir os seus celeiros, tirava das suas arcas o dinheiro para a construção dos hospitais e dos hospícios para recolher os enfermos e os desgraçados.

Toda a figura de Isabel de Aragão, apesar dos rigores do seu fanatismo, é uma figura poética. As lendas e as tradições populares cercaram-na dessa auréola de poesia, que não se apagará tão cedo e que faltou a outras princesas.

A memória do povo pagou bem a D. Isabel tudo quanto a rainha fez por ele. Imortalizou-a na tradição, apagando-lhe o ascetismo pesado, e deu-lhe uma eterna mocidade, cercando-a de poesia e de flores. Por isso, a imagem de Isabel de Aragão nos aparece, mesmo nos seus trajes de monja, com o rosto de uma formosura encantadora e suave, o seu olhar meigo e dolente, o seu corpo esbelto, sempre jovem, sempre fresca e primaveril, com um braçado de rosas no regaço.

FIM